

Uma coronel de saia no interior paulista: a Rainha do Café na Ribeirão Preto do princípio do século XX

Rafael Cardoso de MELLO

Área: História Contemporânea (República Velha) / História das mulheres

Introdução

Esta pesquisa tem como desiderato compreender a chamada modernidade na cidade de Ribeirão Preto, nos primeiros anos do século XX. Pata tanto se pretende recorrer a uma prática de pesquisa que vem ganhando nos últimos anos destaque na academia – a micro-história. Num jogo constante de escalas, observaremos Iria Alves Ferreira, uma cafeicultora que, durante o período, chegou a ser reconhecida nacionalmente como a Rainha do Café.

Durante este período, a cidade despontava como uma das maiores economias brasileiras, desfrutando das benéficas do ciclo cafeeiro. Inserida no “império do café”, se constituía por invejosas cifras, posto que as grandes propriedades de Francisco Schmidt, Joaquim da Cunha Diniz Junqueira, Iria Alves Ferreira, Manoel Maximiano Junqueira, Martinho Prado Júnior e da Companhia Agrícola Dumont “possuíam, juntas, quase 15 milhões de cafeeiros espalhados pelo Estado!

Segundo o historiador Jonas Rafael dos Santos, apesar do número de mulheres responsáveis pelas fazendas de café ser bem menos expressivo, podemos afirmar que elas “tornavam-se cafeicultoras, principalmente após a morte do marido, já que, enquanto estivessem casadas, o marido tomava conta dos negócios e, enquanto solteiras, estas eram de responsabilidade dos seus pais ou de seus irmãos”. Desta forma, nos causa estranheza percebemos que durante a Primeira República, uma cafeicultora detinha tamanho título, riquezas e relações políticas. Como vimos no trabalho de Jorge Oliveira que, ao realizar estudos sobre a economia de Ribeirão Preto por meio de transações imobiliárias, detectou os dez maiores negociantes da cidade. O terceiro lugar foi ocupado por Iria Alves Ferreira.

O que nos compete, por hora, é analisar o palco em que a cafeicultora agiu. A cidade e a região alavancados pelas alterações políticas e econômicas de âmbito local e global viviam uma transformação de seus hábitos e costumes em nome do progresso. A modernidade se construía na localidade segundo os “limites do possível”. Nesta realidade extremamente complexa, compreender as dinâmicas e jogos que Iria Alves Ferreira viveu, passa a ser tarefa laboriosa. O trem, a fumaça, a indústria, as transformações urbanas, enfim, toda a materialidade imposta à vida dos habitantes da cidade passam agora a ser alvo de nossos olhares. Referencial simbólico e vivido de novas práticas e representações, a modernidade será mapeada e circunscrita a partir das experiências desta atriz em face de uma sociedade que ganhava ares urbanos, mas entremeados por costumes e/ou sociabilidade ainda rurais. Moderno passa a ser um tempo em que, para ser apreendido pelo historiador, impõe certa cautela.

“Rainha do Café”, mãe extremosa, católica atuante e reconhecida benemérita ribeirãopretana, ganhou mais outra denominação a partir de 1920 – A “Rainha dos Bandidos”. Envolvida no Crime de Cravinhos a cafeicultora foi alvo dos olhares raivosos por parte de jornais de todo o Estado. Mas como uma sociedade de opulência e miséria, riquezas e contrastes sócias, uma urbe que aceita o título de pequena Paris, foi palco de tamanhas reviravoltas históricas?

Metodologia

Para que possamos compreender os jogos e estratégias de Iria Alves Ferreira frente a um universo moderno por excelência, buscamos no arsenal micro-histórico, as práticas que

nortearam o olhar ao passado. Por micro-história compreende-se uma prática historiográfica essencialmente baseada na redução da escala de observação, intervenção interpretativa que visa a compreensão do vivido, naquilo que é apenas tangível quando visto de perto. Para Giovanni Levi, tal abordagem carrega a capacidade de apreender à “constante negociação, manipulação escolhas e decisões do indivíduo, diante de uma realidade normativa”. Este exercício intelectual que valoriza o local e suas “miudezas” é, segundo Jacques Revel, “inseparável de uma prática de historiadores, dos obstáculos [...] recentes enfrentados ao longo dos caminhos aliás muito diversos, em suma, de uma experiência de pesquisa”. Vale-se ressaltar que sobre métodos, tal pesquisa utiliza de vários caminhos propostos pelo micro-historiadores, em especial a etnografia histórica, tributária da Antropologia.

Objetivos

Viso interpretar e compreender de maneira ampla e exaustiva as imagens, os discursos e demais vestígios que nos permitam ter acesso às sociabilidades, representações, projetos e práticas vivenciadas por Iria Alves Ferreira. Se o pretendo, faço por crer que ao chegar perto deste “vivido” da cafeicultora, avaliaremos mais nitidamente as relações de poder entre as várias esferas as quais ela se insere, como a do público-privado, coronéis e seus subalternos, e mais precisamente, aquela que a insere na relação de homens e mulheres.

Resultados

É nítida a diferença entre os coronéis da região e o coronelismo empreendido por Iria Alves Ferreira. Por hora, chamo a atenção para o fato de que a Rainha do Café foi presa e apenas liberada por ordens de seu compadre Washington Luís, então presidente do Estado. Tal rede de sociabilidade revela uma sociabilidade cordial que nos recorda a uma prática política que valoriza as relações sociais, concomitante a uma confusão de esferas entre público e privado.

Referências bibliográficas

ALMANACH ILLUSTRADO DE RIBEIRÃO PRETO, Ribeirão Preto: Sá, Manaia & Cia., 1913, p.84-87. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

LEVI, G. Sobre a micro-história. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

OLIVEIRA, J. H. C. de. **Ribeirão Preto na República Velha: economia e riqueza através das transações imobiliárias**. Tese de Doutorado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2006.

REVEL, J. Micro análise e construção social. _____. (Org.) **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SANTOS, J. R. **As transformações de riqueza em Ribeirão Preto, 1920-1950**. Dissertação de Mestrado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004.